CADERNOS EBAPE.BR

FGV EBAPE

ARTIGO

Modos de sujeição profissional: uma análise sobre as relações de trabalho no campo da inovação

Ana Carolina Assis Sampaio [1]
André Luiz Maranhão de Souza Leão [1]

[1] Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife – PE, Brasil

Resumo

O presente estudo analisa como modos de sujeição se revelam em práticas discursivas sobre as relações de trabalho dos profissionais da inovação. A pesquisa parte da compreensão de que esses modos de sujeição se evidenciam nas relações de trabalho no campo profissional da inovação baseadas na teoria foucaultiana. Com isso, elas são realizadas por meio da análise dos discursos proferidos por esses profissionais. O escopo empírico foram profissionais da inovação dos campos da economia criativa e de tecnologia de informação e comunicação. Foram realizadas 14 entrevistas narrativas com especialistas de diferentes localidades do Brasil, adotando-se critérios de representatividade e saturação. Os achados evidenciam 2 modos de sujeição: austeridade, que evidencia as sujeições que o profissional exerce sobre si como processo relacional do sujeito com si mesmo, segundo suas experiências de vida, perpassando estrutura de poder familiar, vinculações morais e dificuldades emocionais e materiais; e conformidade, que revela as sujeições advindas especificamente da dimensão profissional, evidenciando a maneira como o sujeito se vincula às regras de seu campo de atuação, marcadas pela conectividade constante e compulsória, bem como pelo estresse excessivo. Ambos os modos de sujeição evidenciam aspectos da lógica neoliberal e do campo da inovação. A pesquisa contribui para o campo da inovação tanto teoricamente, por meio de uma abordagem pouco comum nos trabalhos da área, quanto em termos de aplicabilidade, ao evidenciar importantes aspectos que podem influenciar a atuação de profissionais, o que pode ser considerado em políticas de gestão das organizações.

Palavras-chave: Profissionais da inovação. Relações de trabalho. Subjetivação. Modos de sujeição. Análise de discurso foucaultiana.

Modes of professional subjection: an analysis of labor relations in the field of innovation

Abstract

This study analyzes how modes of subjection are revealed in discursive practices about the working relationships of innovation professionals. The research starts from the understanding that these modes of subjection are evident in labor relations in the professional field of innovation, based on Foucauldian theory. We analyze the speeches made by these professionals. The empirical scope was innovation professionals from the creative economy and information and communication technology fields. Fourteen narrative interviews were conducted with specialists from different locations in Brazil, adopting criteria of representativeness and saturation. The findings show 2 modes of subjection: austerity, which shows the subjection that the professional exerts on themselves as a relational process of the subject with themselves, according to their life experiences, going through family power structures, moral attachments, and emotional and material difficulties; and conformity, which reveals the subjection arising specifically from the professional dimension, showing how the subject binds themselves to the rules of their field, marked by constant and compulsory connectivity, as well as excessive stress. Both modes of subjection highlight aspects of neoliberal logic and the field of innovation. The research contributes to the field of innovation both theoretically, through an approach uncommon in works in the area, and in terms of applicability, by highlighting important aspects that can influence the work of professionals, which can be taken into account in the management policies of organizations.

Keywords: Innovation professionals. Labor relations. Subjectivation. Modes of subjection. Foucauldian discourse analysis.

Modos de sujeción profesional: un análisis de las relaciones laborales en el ámbito de la innovación

Resumen

LEste estudio analiza cómo se revelan los modos de sujeción en las prácticas discursivas sobre las relaciones laborales de los profesionales de la innovación. La investigación parte de entender que estos modos de sujeción se ponen de manifiesto en las relaciones laborales en el ámbito profesional de la innovación, basándose en la teoría foucaultiana. Para ello, se analizan los discursos de estos profesionales. El ámbito empírico fueron profesionales de la innovación de los campos de la economía creativa y de las tecnologías de la información y la comunicación. Se realizaron 14 entrevistas narrativas a especialistas de diferentes localidades de Brasil, adoptando criterios de representatividad y saturación. Los hallazgos muestran dos modos de sujeción: la austeridad, que muestra la sujeción que el profesional ejerce sobre sí mismo como un proceso relacional del sujeto consigo mismo, de acuerdo con sus experiencias de vida, pasando por estructuras de poder familiar, apegos morales y dificultades emocionales y materiales; y la conformidad, que revela la sujeción surgida específicamente de la dimensión profesional, mostrando el modo en que el sujeto se vincula a las reglas de su campo, marcada por la conectividad constante y obligatoria, así como por el estrés excesivo. Ambos modos de sujeción revelan aspectos de la lógica neoliberal y del campo de la innovación. La investigación contribuye al campo de la innovación tanto teóricamente, a través de un enfoque poco común en los trabajos del área, como en términos de aplicabilidad, al destacar aspectos importantes que pueden influir en el trabajo de los profesionales, que pueden ser tenidos en cuenta en las políticas de gestión de las organizaciones.

Palabras clave: Profesionales de la innovación. Relaciones laborales. Subjetivación. Modos de sujeción. Análisis foucaultiano del discurso.

Artigo submetido em 07 de novembro de 2023 e aceito para publicação em 12 de julho de 2024.
DOI: https://doi.org/10.1590/1679-395120230218

INTRODUÇÃO

Vivemos um período de reconfiguração da estrutura produtiva do trabalho, evidenciada na transformação dos processos produtivos e organizacionais associados a um contexto tecnológico. Esse panorama altera a natureza do trabalho e as relações existentes, como contrato psicológico, instabilidade de vínculos empregatícios e vigilância constante, desvalorizando os trabalhadores, que vêm perdendo acesso a direitos. Assim, de forma específica, a classe dos trabalhadores da inovação ilustra bem essas mudanças produtivas, sobretudo os ligados à tecnologia da informação e à produção criativa e cultural (Freitas, Assis, & Efing, 2018; Tse & Shum, 2022; Abílio, 2020; Antunes, 2018; Lima & Bridi, 2019; Silva, Vieira, & Franco, 2019; Peukert, 2018).

De um lado, essa classe passa por um processo de precarização laboral; de outro, a transformação tecnológica, guiada pela perspectiva do capital, permite a emergência do "trabalho digital" (Lima & Bridi, 2019), marcada por um momento tecnológico que vivencia mudanças nas relações de produção e trabalho.

Esse contexto produtivo e tecnológico interfere na subjetividade dos próprios trabalhadores, pois as relações de trabalho podem ser entendidas como um processo subjetivo vinculado a um viés sócio-histórico. Em outras palavras, o trabalho e o discurso do trabalho produzem subjetividades (Dubar, 2012; Thiry-Cherques, 2023; Vallas & Hill, 2018). Uma forma de compreender essa subjetividade é pela perspectiva teórica de Foucault (1998, 2005, 2004). O sujeito foucaultiano se constitui a partir de práticas de subjetivação, sendo uma delas os modos de sujeição, que se referem à relação que o sujeito tem com suas obrigações morais.

Tendo em vista que os processos de subjetivação podem ser acessados por meio de práticas discursivas (Gubrium & Holstein, 2012; Fage-Butler, 2020), a presente pesquisa busca compreender como modos de sujeição se revelam em práticas discursivas sobre as relações de trabalho dos profissionais da inovação. O foco empírico se dá porque essa classe ilustra adequadamente a reconfiguração do trabalho, destacando as principais características dessa transformação, uma vez que cria um contexto produtivo para essa reconfiguração (Antunes, 2018). Além disso, a questão da precarização que envolve o mundo do trabalho, na atual configuração estrutural, ocorre num contexto em que o trabalho é cada vez mais digital (Freitas et al., 2018).

Vale pontuar que os modos de sujeição já são utilizados direta ou indiretamente para compreender a sujeição ao capitalismo (Carelli & Andrade, 2023) e às regras do campo profissional (Diniz & Campos, 2018; Maia, 2020). As pesquisas, no entanto, não focam no contexto específico dos profissionais do presente estudo, que se destaca pela análise discursiva das vivências pessoais e laborais. A experiência e o contexto de vivência são elementos que permitem compreender a trajetória profissional (Kjærgård, 2020).

Nessa ordem de ideias, a análise que aqui se apresenta explora a dimensão das relações de trabalho em campos de atuação da área de inovação. Nesse aspecto reside a contribuição teórica, já que o trabalho apresenta a atividade laboral inovativa como um caráter subjetivador, especificamente no que se refere à sujeição. De modo similar, a discussão que o artigo traz permite elaborar programas e políticas públicas que compreendam as dificuldades, as precarizações e os constrangimentos dos profissionais dessa área. Adicionalmente, o próprio recorte dos profissionais das áreas de tecnologia da informação e comunicação (TIC) e economia criativa (EC) evidencia uma possibilidade de análise vinculada ao campo tecnológico-midiático, o que permite pensar novas propostas analíticas e subdivisões de estudo no campo da inovação.

A fim de abarcar todos os pontos aqui explorados, em especial os pontos-chave do artigo, o referencial teórico foi elaborado em 3 momentos. A primeira seção abrange a reconfiguração das atividades de trabalho, sobretudo aqueles centrados em TICs, vinculando esses aspectos a novas formas de precarização e controle. A segunda parte, sujeito e modos de sujeição, explora a teoria foucaultiana a respeito do sujeito, mais especificamente as práticas de subjetivação voltada ao aspecto da sujeição. Por fim, a última seção trata da classe criativa e dos profissionais de TICs, em que se evidenciam a caracterização desses campos de atuação de suas sobreposições.

O TRABALHO E O SUJEITO

Relações de Trabalho e o Sujeito

O mundo do trabalho passa por uma série de transformações que alteram as relações entre o sujeito e sua atividade profissional, sobretudo as dinâmicas trabalho (Greenhaus, Callanan, & Godshalk, 2018, Antunes, 2018). Isso pode ser notado na remodelagem de processos organizativos, produtivos e de controle dos trabalhadores (Abílio, 2020; Antunes, 2018; Lima & Bridi, 2019; Greenhaus et al., 2018).

Para Antunes (2018), essa reconfiguração produtiva advém das transformações do capitalismo no cenário tecnológico atual, que acarreta a formação de uma nova classe de trabalhadores precarizados, inseridos num regime de sistema produtivo que explora ao máximo suas capacidades, buscando agregar a menor quantidade de encargos trabalhistas (Lima & Bridi, 2019; Freitas et al., 2018).

A possiblidade de vigilância constante característica do capitalismo atual (Zuboff, 2021) permite o controle onipresente de trabalho (Abílio, 2020), num contexto tecnológico que carrega em si o paradigma da versatilidade e da mobilidade, integradas e marcadas pela ubiquidade das TICs (Freitas et al., 2018).

Tais condições sócio-histórico-culturais levam à criação do "sujeito que produz", uma nova construção sobre o que é desempenho profissional. O discurso sobre o trabalho emprega condições de emergência de sujeitos produtivos (Thiry-Cherques, 2023). Nessa ordem de ideias, os profissionais passam por processos de subjetivação, participando de uma construção histórico-cultural na prática laboral (Vallas & Hill, 2018; Kjærgård, 2020).

Os modelos de trabalho impõem uma série de técnicas disciplinares que possibilitam um domínio sobre a subjetividade do trabalhador (Thomas & Davies, 2005; Sewell & Wilkinson, 1992; Mielly et al., 2023), a qual mina possibilidades de resistência (Fleming & Sewell, 2002; Gómez, 2023).

Sujeito e modos de sujeição

Para Foucault (1998; 2005; 2004), não existe o ser sujeito; o que há é um processo contínuo de tornar-se sujeito. O sujeito não é fixo e isolado; ele é relacional, histórico e em processo de construção (Schutijser, 2019). O sujeito e seus processos de subjetivação passam pelas questões do poder, em que o primeiro representa uma ideologia social, elaborada por técnicas disciplinares específicas (Foucault, 1999b). Nessa ordem de ideias, o sujeito atua no regime que lhe é imposto, inserido numa cultura com mecanismos de construções de si mesmo específicos.

A constituição do sujeito passa pelo processo de subjetivação, tendo uma conexão entre sujeito-verdade/saber-poder e pressupondo modos de sujeição. Enquanto subjetivação diz respeito a um processo, os modos de sujeição estão ligados às escolhas do sujeito, a como ele lida com as regras que lhes são impostas, isto é, às condutas sociais. As regras de conduta estão expostas, mas não quer dizer necessariamente que o sujeito as seguirá; essa escolha dependerá de sua vontade e de sua subjetividade, de modo que ele escolhe a quais regras se submeterá. Os modos de sujeição expressam a prática do sujeito e como ele reconhece suas obrigações morais, a relação que estabelece com as regras e os jogos de saber-poder (Foucault, 1998; Dreyfus & Rabinow, 1995).

Entendendo os modos de sujeição a partir de escolhas e práticas frentes a obrigações morais no contexto sócio-histórico-cultural, é possível relacionar essas sujeições às relações de trabalho. A própria atividade pode ser entendida como um processo de constituição de si (Dubar, 2012; Vallas & Hill, 2018; Kjærgård, 2020). Assim, essa relação entre modos de sujeição e relações de trabalho é possível porque a própria vivência e a experiência laboral podem ser entendidas como práticas que fazem parte do processo de subjetivação e construção de subjetividade (Ramos, 2020).

A classe criativa e os profissionais de TIC

O presente trabalho foca nos profissionais da inovação que atuam nos segmentos de EC, afetados pela transformação nas TIC, exigindo reconfiguração de práticas e habilidades requeridas ao profissional (Van et al, 2020; Peukert, 2018), envolvendo aqueles que participam das TICs – produzem artefatos digitais – e estão imersos num campo de constante transformação.

A classe criativa, para Florida (2012), não se define pelos trabalhadores que utilizam a criatividade em seus ofícios, e sim por aqueles que são pagos por uma produção intelectual, que resolvem problemas complexos com grandes níveis de capital humano e que utilizam aspectos cognitivos e sociais. Isso inclui empreendedores, engenheiros e cientistas da computação, perpassando campos técnicos, como economistas e administradores, e artísticos, como músicos e escritores. Já os profissionais de TIC estão ligados às áreas de *design*, gerenciamento e experiência do usuário (Moura Jr. & Helal, 2014; 2019; Suhaimi et al., 2012).

Esses profissionais se enquadram numa classe marcada pela contradição (Roy, 2021; Dorschel, 2022), pois, ainda que carreguem certos privilégios – por exemplo, salários mais altos e melhor qualificação –, vivenciam um movimento de precarização do trabalho digital frente à reconfiguração do capital, como falta de direitos trabalhistas e insegurança laboral. Além disso, entre os 2 segmentos mencionados há uma sobreposição. Os profissionais de TIC apresentam funções compatíveis com as presentes nos profissionais da classe criativa. De forma similar, o aspecto tecnológico já é incorporado na discussão da EC, em especial o audiovisual e as novas mídias, como *softwares*, *games* e conteúdos digitais (Flew, 2018; Peukert, 2018).

Essas duas áreas profissionais são abordadas de forma conjunta ao debater inovação (Saura, Palacios-Marqués, & Ribeiro-Soriano, 2023) e gestão da criatividade ou carreiras criativas (Maciel, Lins, & Fernandes, 2020; Calasans & Davel, 2020), haja vista que a inovação está associada à criatividade, podendo ser potencializada pelo gerenciamento do capital criativo (Muzzio & Paiva Jr., 2018; Acar, Tarakci, & Van Knippenberg, 2019).

O presente artigo foca no ponto em que essas duas áreas profissionais se intersecionam, concentrando-se, portanto, no uso das tecnologias digitais e no modo como esse processo evidencia práticas que podem agregar conhecimentos valiosos para o mercado de trabalho em EC e TIC.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi realizada por meio da análise de discurso foucaultiana (ADF), que possibilita identificar um conjunto de conhecimentos e saberes acerca do fenômeno (Foucault, 2008; Souza-Leão & Moura, 2018). Para tanto, optamos por entrevistas narrativas (Kutsyuruba & Mendes, 2023) que têm como objetivo obter relatos textuais dos profissionais. Essa ação parte do entendimento de que a entrevista compreende uma natureza discursiva (Santos & Davel, 2021) e a vislumbra, assim como a narrativa, como meio capazes de captar as práticas discursivas de subjetividade (Gubrium & Holstein, 2012; Fage-Butler, 2020). A narrativa, portanto, está sendo abordada como prática discursiva que reflete seu contexto sócio-histórico-cultural (Brockmeier & Harré, 2003; De Fina, 2021), de modo a explicar o conjunto de regras pelas quais essas formações discursivas são possíveis (Brockmeier & Harré, 2003).

Para delimitação do perfil, identificamos as profissões das áreas de TIC e EC, tendo como base o *International Standard Classification of Occupations*, versão 2008 (ISCO-08). Estão presentes os seguintes segmentos: *graphic and multimedia designers* (cód. 2166), *web and multimedia developers* (cód. 2513) e *broadcasting and audio-visual technicians* (cód. 3521). Selecionaram-se profissionais que, no momento das entrevistas, atuavam num desses segmentos e tinham vivência digital desde a infância.

Quadro 1
Código, cargo, segmento de atuação e região dos entrevistados

Cód.	Cargo	Segmento			Região				
		2166	2513	3521	N	NE	S	SE	CO
Ent1	*Designer* gráfico	X				X			
Ent2	Desenvolvedor de *software* (CEO)		X			X	X	X	
Ent3	Desenvolvedor web		X			X			
Ent4	Captação de som			X	X				
Ent5	Assistente de produção			X		X			
Ent6	Gestor de inovação e artista (*podcast*)			X				X	

(Continua)

Cód.	Cargo	Segmento			Região				
		2166	2513	3521	N	NE	S	SE	CO
Ent7	Consultor (ciência de dados, IA)	X	X				X		
Ent8	*Designer* gráfico	X						X	
Ent9	*Designer* de produtos	X					X		
Ent10	*Designer* (*motion design* e animação)	X						X	X
Ent11	Engenheiro de *software*		X			X			
Ent12	Produtor audiovisual (CEO)			X					X
Ent13	*Designer* gráfico	X							X
Ent14	Programador de jogos e artista digital	X	X					X	

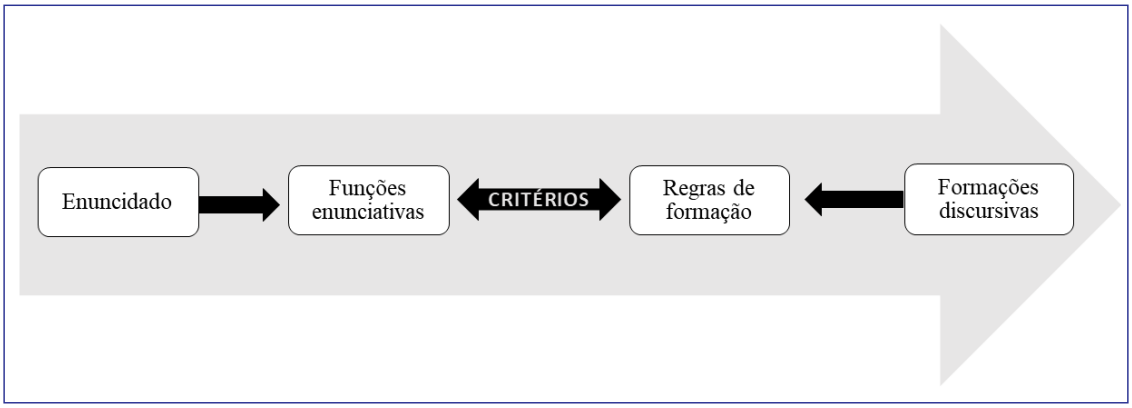
Fonte: Elaborado pelos autores.

No Quadro 1 é possível visualizar os cargos, os segmentos e a região onde vivem os profissionais entrevistados. A seleção das fontes se deu pelo contato, via e-mail, com as empresas indicadas nos sites dos parques tecnológicos que atendessem ao escopo dos entrevistados. Após acionar os primeiros profissionais, iniciamos pela estratégia de bola de neve (Parker, Scott, & Geddes, 2019). O roteiro da entrevista narrativa foi estruturado em modelo semiestruturado (Wengraf, 2001; Kutsyuruba & Mendes, 2023), elaborado para ser adaptável (Kim, 2016).

As entrevistas foram realizadas até incluir representatividade (geográfica e de segmentação) e dados suficientes para análise (Tight, 2023), totalizando 14. Elas ocorreram por videochamadas nas plataformas Meet ou Teams, entre os dias 8 de setembro e 15 de novembro de 2022, com duração média de 1 hora.

Os dados foram analisados pela análise de discurso foucaultiana identificada nos trabalhos de Foucault (2008; 1999a; 2005) e sistematizada por Souza-Leão e Moura (2018), além de Camargo, De Souza-Leão e Moura (2020); De Souza-Leão, Ferreira e Moura (2022); De Souza-Leão, Moura e Nunes (2022); e Moura e De Souza-Leão (2022). A sistemática da análise de discurso foucaultiana se efetiva no esquema apresentado na Figura 1.

Figura 1
Processo de análise foucaultiana de discurso



Fonte: Elaborada pelos autores com base em Camargo et al. (2020).

Na Figura 1 é possível perceber que os procedimentos são sequenciais. A análise inicia na formação de enunciados (Es), que sintetizam as narrativas em orações que buscam trazer um elemento isolado do discurso, uma unidade mínima. Esses enunciados têm características que serão classificadas por funções e regras. As funções enunciativas (Fs) se referem às ações, ao passo que as regras de formação (Rs) estão ligadas às regularidades discursivas dos enunciados. A construção da associação entre critérios e regras indica as formações discursivas (FDs), que, por sua vez, expressam as práticas que regem os discursos, os quais fundamentam o que é enunciado.

Quadro 2
Descrição das categorias de ADF

<table>
<tr><th colspan="4">Enunciados</th></tr>
<tr><td colspan="4">Se refere a unidade mínima do discurso, “atos isolados” das formações.
Evidencia o conjunto de signos que exploram uma mesma afirmação.</td></tr>
<tr><th colspan="4">Funções Enunciativas</th></tr>
<tr><td colspan="4">Se refere à “ação” dos enunciados. Evidencia a relação entre os enunciados
a partir da análise de como os mesmos operam a partir dos critérios:</td></tr>
<tr><th>Referencial</th><th>Campo associado</th><th>Sujeito</th><th>Materialidade</th></tr>
<tr><td>O que o enunciado se refere, isto é, o que está sendo tratado no enunciado.</td><td>Local de saberes pelo qual o enunciado emerge. O “campo” enquanto espaço que possibilita o surgimento de tais enunciados.</td><td>A condição (indivíduo ou grupo) capaz de declarar tal enunciado.</td><td>A forma material que o enunciado se veicula, em que “tom” se revela.</td></tr>
<tr><th colspan="4">Regras de formação</th></tr>
<tr><td colspan="4">Evidencia as regularidades que estabelecem a formação dos discursos.
Os critérios de regra são análogos aos critérios de função e são analisados pelo:</td></tr>
<tr><th>Objeto</th><th>Conceito</th><th>Modalidade</th><th>Estratégia</th></tr>
<tr><td>Significado específico conferido ao que o enunciado trata.</td><td>Tópico específico do campo associado. Evidencia pendências, coexistências e sucessões do que é abordado.</td><td>O modo com o qual o sujeito se manifesta frente as condições nas quais o enunciado emerge.</td><td>A finalidade vista a materialidade expressa no enunciado.</td></tr>
<tr><th colspan="4">Formações discursivas</th></tr>
<tr><td colspan="4">Resultado dos agrupamentos das regularidades discursivas, a formação expressa os discursos que
foram construídos pela existência dos enunciados nas condições nas quais foram enunciadas.</td></tr>
</table>

Fonte: Elaborado com base em Souza-Leão e Moura (2018).

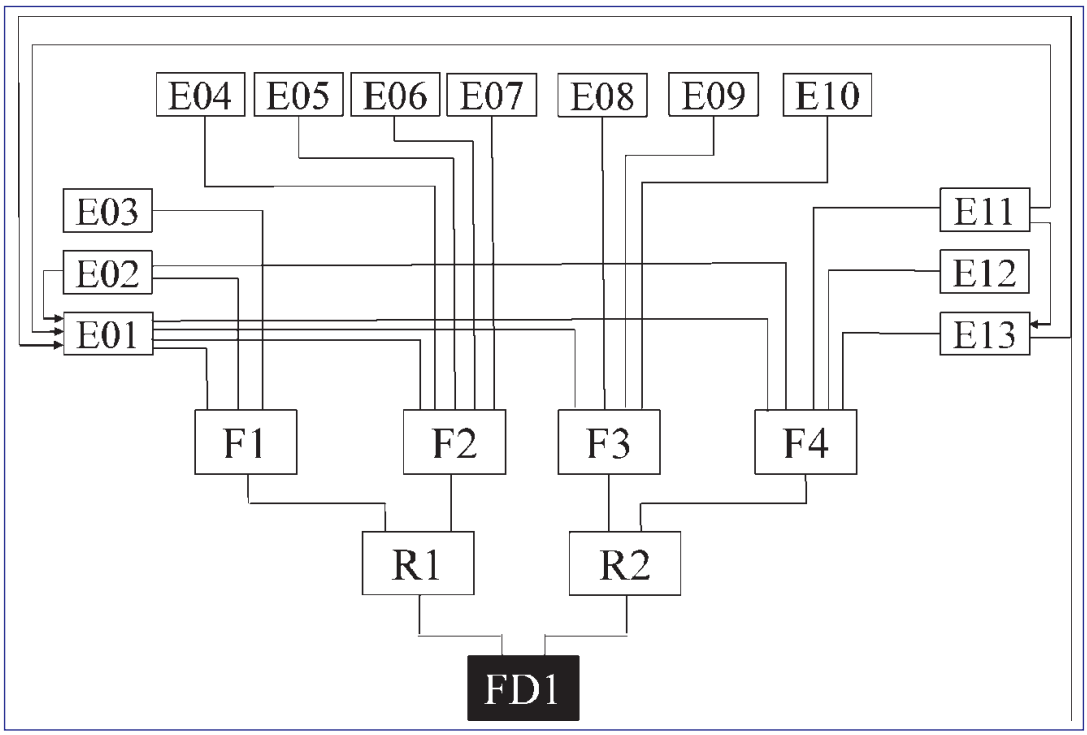
Entre a estrutura mínima/inicial e o resultado, há um processo estruturado pela determinação de critérios analíticos. A sistemática entrega as FDs visando detectar as regras para a formação de discursos e funções dos enunciados, apresentados no Quadro 2.

Com base nos Es, retirados das falas dos entrevistados, são inferidas Fs e Rs. Como resumido no Quadro 2, as Fs tratam da atuação do enunciado, enquanto, nas Rs, a análise é feita para localizar as regularidades e identificar as regras que delineiam as FDs.

RESULTADOS

Os modos de sujeição são expressos numa formação discursiva de regularidades relativas à conformidade e à austeridade nas relações de trabalho, tratando da submissão às regras do campo que revela processos de subjetivação relacionados ao comportamento ético. Em outras palavras, essa formação diz respeito à reconfiguração de práticas, entendidas como penosas e que foram necessárias para permanecer ou ascender em suas respectivas carreiras. Assim, vinculam-se diretamente às escolhas dos profissionais e à forma como se portam uma vez exposto o jogo de poder instaurado. O mapa analítico representado na Figura 2 (e legendado pelo Quadro 3) evidencia a relação entre a sujeição profissional e os demais níveis de análise, como regras, funções e enunciados.

Figura 2
Mapa analítico da sujeição profissional



Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Quadro 3
Legenda do Mapa Analítico

Cód.	Título
E01	Adaptação faz parte da minha jornada profissional
E02	Minha expertise me transformou
E03	Minhas convicções moldam a minha trajetória profissional
E04	A família me motivou a estar nessa profissão
E05	Esse trabalho me fornece estabilidade
E06	Minha escolha profissional me representa
E07	Ter um direcionamento é importante para a escolha profissional
E08	A sociabilidade é útil na minha carreira
E09	O ambiente digital é necessário para ser quem sou
E10	O ambiente digital oportuniza meu desempenho
E11	Minha profissão me requer conhecimentos específicos
E12	Nesse trabalho eu devo gerenciar minha própria carreira
E13	A profissão afeta minha saúde mental
F1	Abrir mão de princípios
F2	Apontar dificuldades
F3	Reclamar da conectividade imprescindível
F4	Denunciar exaustão profissional
R1	Austeridade da prática profissional
R2	Conformidade com a prática profissional

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como fica visível na Figura 2, a sujeição do profissional é composta por 2 regras relacionadas com a prática profissional, as quais se referem à austeridade (R1) e à conformidade (R2). Ambas as regras expressam a aceitação dos profissionais às pressões de poder instituídas no campo profissional (estratégia).

Austeridade

A austeridade do campo profissional (R1) se refere à rigidez da área profissional e advém das falas que têm como função a renúncia a crenças (F1) e a apresentação de dificuldades enfrentadas (F2). Essa regra envolve as relações de poder em âmbito privado, abarcando imposições ligadas aos valores construídos pelos sujeitos, à família – desamparo e pressão na escolha da área de atuação – e ao direcionamento de carreira.

A primeira função diz respeito a renunciar aos princípios (F1) e se refere aos enunciados que tratam de como as convicções moldam a trajetória profissional (E03), como eles foram transformados por essa trajetória (E02) e como se adaptaram a ela (E01). As mudanças decorrentes da *expertise* (E02) explicam as adaptações (E01). Os enunciados dessa função abordam dificuldades e elementos que compõe parte da identidade de um sujeito que se posiciona politicamente (modalidades) com base em seus conhecimentos acerca de sua corrente política (conceito), conforme resume o fragmento no Quadro 4.

Quadro 4
Exemplo da função 1 retirado da entrevista 5

[...] você tem que ser, às vezes, a pessoa que não questiona uma atitude d machismo, de racismo dentro do set [...] tem muitos relatos [...] dentro dessas áreas, de homens que assediam mulheres dentro do set por quê estão em posição de poder e ninguém faz nada. Entendeu? Caso de racismo, ninguém faz nada! E o cara continua conseguindo trabalho. Então, você às vezes tem que abrir um pouco mão da sua militância, daquilo que você acredita. Eu tento fazer isso o mínimo possível, assim, a não passar pano, sabe? (Ent5).

Fonte: Elaborado pelos autores com base em pesquisa.

O fragmento expõe a austeridade em relação à rigidez do pensamento conservador,[1] evidenciando os valores questionados e até reconfigurados, de modo a expor a estrutura de poder e como o sujeito reage de forma submissa.

A função de apontar dificuldades (F2) se relaciona com os enunciados sobre adaptação (E01), motivação familiar (E04), como a escolha os representa (E06) e a importância do direcionamento na carreira (E07). A questão relativa ao âmbito familiar é vista em 2 enunciados, um referente à adaptação (E01) e outro, à motivação familiar (E04). A motivação (E04), aqui, reflete na pressão familiar, uma vez que esta influencia o entrevistado a escolher determinado caminho laboral ou acadêmico. A falta de apoio reflete na adaptação (E01) e na pressão familiar (E04) para a escolha de carreira. Os enunciados evidenciam um sujeito que se ajusta à sua realidade (modalidade) abordando suas dificuldades (objeto) com base busca por segurança (conceito), como representado no Quadro 5.

Quadro 5
Exemplo da função 2 retirado da entrevista 5

[...] cursar a graduação de cinema que foi muito complicado assim porque eu nunca tive nenhum tipo de apoio familiar, né? Nem financeiro e nem emocional, né? [...] tinha uma certa pressão familiar para que eu me graduasse também em alguma coisa que "desse dinheiro" [...] na época que minha mãe adoeceu e ela passou quatro meses internada; e quando ela faleceu, [...] minha família não me deu muito apoio emocional [...] (Ent5).

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* de pesquisa.

O fragmento retrata tanto a falta de auxílio quanto a pressão da família em escolher caminhos que pudessem gerar bons rendimentos financeiros. A questão familiar ocorre pelo entendimento de que a área tecnológica pode proporcionar melhor remuneração em detrimento de outras.

1 Conservador, aqui, se refere ao pensamento político que defende a manutenção das estruturas sociais. Dessa forma, foram entendidas como falas progressistas aquelas voltadas à mudança do contexto social, evidenciadas em narrativas que abordam a defesa das minorias.

As dificuldades (objeto) são evidenciadas também na falta de direcionamento (E07) que os sujeitos interativos e ajustados (modalidade) apresentam sobre impossibilidade de interação com o contexto inovativo (conceito). Essa perspectiva é vista no Quadro 6.

Quadro 6
Exemplo da função 2 retirado da entrevista 8

[...] eu acho que é oportunidade de ver que tem outras pessoas fazendo, de conviver, de ver ali, eu precisava de um impulso assim também, eu acho que precisava meio que de talvez até alguém aí me direcionando assim, sabe? [...] Acho que precisava de um empurrão assim, para ter coragem e tal (Ent8).

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* de pesquisa.

No recorte acima, a entrevistada expõe a importância da orientação para seguir a carreira. Essa orientação trata do acesso a espaços de inovação e pessoas da área, bem como da possiblidade de visualizar a carreira em inovação como algo possível e alcançável. A falta de direcionamento na profissão (E07) apresentada nos trechos acima explica quão necessário foi a adaptação dos sujeitos (E01).

Apontar dificuldades (F2) revela ainda uma adaptação (E01) e uma transição de carreira em busca de estabilidade (E05), em razão de vivências pessoais que levam para determinado caminho (E06). Esses enunciados evidenciam sujeitos ajustados (modalidade) que se referem à trajetória profissional e a elementos com os quais se identificam (objetos) acerca da gestão de carreira (conceito). A função é ilustrada pelo Quadro 7.

Quadro 7
Exemplo da função 2 retirado da entrevista 6

Então eu fechei 2020 quebrado emocionalmente, cansado para um c******, esgotado da minha relação com os meus sócios [...] aí eu entrei em 2020 dizendo assim menos por agora não quero voltar [a] empreender, quero um trabalho fixo, um lugar concreto, alguma coisa que respire sanidade mental! (Ent6).

Fonte: Elaborado pelos autores com base em *corpus* de pesquisa.

O fragmento acima apresenta o caminho construído em razão da busca por estabilidade. Nele, notamos uma transição de carreira e uma reconfiguração da trajetória profissional, de modo que características pessoais e vivências influenciam na forma como se conduzirá a carreira.

Conformidade

Na conformidade à prática profissional (R02), há uma percepção incômoda em relação à conectividade. Essa regra revela certa irritação pela dependência dos meios digitais, ainda que se goste do espaço digital. Essa percepção se expressa na medida em que os entrevistados reclamam da compulsão (F3) e denunciam a exaustão (F4). No entanto, enquanto F3 fala exclusivamente acerca da conectividade, do estabelecimento impositivo de relacionamentos digitais e físicos, F4 reflete sobre o estresse causado pela profissão, decorrente, em especial, da carga informacional.

A conectividade compulsiva (F3) contempla queixas pelas interações sociais exigidas pela profissão e se refere tanto à necessidade de construir uma rede profissional de relacionamento quanto à obrigatoriedade da conexão constante. Essa função evidencia a sociabilidade na carreira (E08), com a adaptação (E01) daqueles que são mais reservados, e a contribuição do ambiente virtual (E09 e E10), ainda que de forma impositiva, para a veiculação do material produzido.

Os enunciados relativos à valorização à sociabilidade na carreira (E08) e à adaptação (E01) comportam o sujeito interativo (modalidade) versam sobre *network* (conceito) profissional, construção de relacionamentos e dificuldades (objetos), elementos explorados no Quadro 8.

Quadro 8
Exemplo da função 3 retirado da entrevista 7

[...] fingir que tá gostando quando você não está, se cobrar muito mais a nível de produtividade e uma questão de adaptação às normas de convívio e dos ambientes [...] acho que o home office foi um ponto definidor para mim assim que eu meio que me despi dessas máscaras todas e passei incluso a me cobrar menos em termos de produção (Ent7).

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* de pesquisa.

O relato aborda o bloqueio em construir relacionamento com colegas de trabalho e a adaptação do sujeito à realidade social da profissão. O entrevistado diz "fingir gostar" se adaptar às "normas de convívio". Mas, assim que se percebe fora do espaço de trabalho, retira as "máscaras".

A imposição sociolaboral associada ao ambiente virtual é evidenciada pelos enunciados que tratam de aspectos relacionados com a divulgação do trabalho, onde se vê a contribuição do ambiente virtual (E10) e como isso interfere em quem eles são hoje (E09). As falas daqueles que apontam que o ambiente digital faz parte do que são (E09) refletem a escolha por uma profissão do universo digital. Esse enunciado se refere aos profissionais que expressam fascínio (modalidade) pela conexão com o universo digital (objeto), contudo evidenciam que utilizar os dispositivos não é necessariamente uma decisão isolada, e sim uma consequência de trabalhar nas redes de midiatização (conceito).

A mesma coisa ocorre nas falas dos profissionais que apontam como o ambiente digital permite o alto desempenho (E10), mais especificamente no que diz respeito à divulgação de trabalhos. O mesmo entrevistado trata da manutenção de relacionamentos sociais (objeto) por uma perspectiva de construção de *network* (conceito) entre especialistas (modalidade). Em ambos os enunciados, é preciso estar visível no ambiente digital para conseguir novos trabalhos, como exemplificado no Quadro 9.

Quadro 9
Exemplo da função 3 retirado da entrevista 4

[...] a tecnologia é essencial, o mundo digital ele é essencial tanto o aparelho assim que vai transmitir essas informações, esses dados, quanto a internet né, o ambiente da internet. E a internet – que vou fazer o recorte das redes sociais – que é um canal de veiculação das criações [...] Então para quem trabalha com vídeo, com imagem, com som, né fundamental [...] mas existe também esse lado que é essa dependência [...] se você não tiver a presença ali, tu não existe né, ninguém fica sabendo que tu tá fazendo, ninguém conhece seu trabalho, ninguém te conhece e consequentemente ninguém vai te chamar para fazer as coisas por que no fundo é assim que funciona né, é sempre contato que a gente tem, que possibilita realizar projetos (Ent4).

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* de pesquisa.

O fragmento expõe a evolução das mídias para a sociedade e a dependência da carreira que escolheram, ficando evidente a impossibilidade de distanciamento da rede, uma vez que a produção e a veiculação estão exclusiva e intimamente ligadas às mídias digitais.

A crítica pelo estresse excessivo da profissão (F4) parte sempre de quem ocupa a posição de conhecimento em relação ao campo (modalidade). Essa função se refere a enunciados que abordam tanto a saúde mental e emocional afetada pela profissão (E13) quanto aos que se transformaram (E02) e adaptaram (E01) frente à exaustão, envolvendo os conhecimentos necessários à área (E11) e o gerenciamento de carreira como responsabilidade dos profissionais (E12).

As transformações (E02) e as adaptações (E01) partem de um sujeito *expert* (modalidade) que se refere às imposições durante a trajetória profissional (objeto) relativas à midiatização e à competência (conceito). A trajetória profissional associada a esses conceitos se refere às mudanças na inovação e, por consequência, no trabalho, o que reflete uma intensidade de conhecimentos que estão além das capacidades.

Essa intensidade de informações é resultante da midiatização da vida, que, para esses profissionais, ocorre de forma mais intensa, já que estão inseridos (produzindo) no universo digital. Uma vez inseridos nesse universo, a atualização impositiva reflete o desenvolvimento de suas competências e faz com que esses profissionais não possam se desvincular do ambiente usado para a divulgação de material e a captação de clientes. Essa perspectiva é expressa no Quadro 10.

Quadro 10
Exemplo da função 4 retirado da entrevista 8

Eu sabia tudo de ***Facebook***, eu sabia tudo de ***Instagram***, quando eu usava muito pessoal assim, depois de um tempo falei assim "já não aguento mais não quero mais", postava todo dia e era aquela dependência também ainda, hoje em dia [...] eu acho que quanto menos você mexe [...] as plataformas vão mudando, e se você não está ali atenta você fica para trás mesmo, sabe (Ent8).

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* de pesquisa.

O recorte acima reflete a obrigatoriedade da conectividade para o exercício profissional. Eles precisam estar constantemente on-line para acompanhar as tendências e consideram privilegiados os que podem e conseguem se desconectar. No fragmento, a profissional afirma "ficar para trás" quando não acessa as redes sociais com regularidade. Sendo as redes sociais uma ferramenta de trabalho (divulgação, contatos e espaço de produção), há um ganho de habilidade ao vivenciar esses espaços. Contudo, a necessidade de intensa atenção quanto às novidades (tecnologias, aplicações, *softwares* e funcionalidades) faz com que necessitem estar continuamente conectados, ainda que não queiram.

Isso nos leva aos enunciados que remetem à questão da sanidade (E13) e dos conhecimentos relativos à profissão (E11). A atualização acerca das novidades é uma prática que deve ser realizada constantemente, haja vista que os profissionais devem conhecer e dominar o funcionamento de mídias e *softwares*. Assim, para gerenciar bem suas carreiras (conceito), devem acessar sempre os dispositivos em razão da midiatização (conceito). Esse constante acesso e a excessiva carga informacional causam o esgotamento profissional (conceito).

Para exemplificar, o Quadro 11 explora fragmentos que representam os enunciados mencionados (E11 e E13) e partem da condição de especialista (modalidade) que abordam a trajetória profissional (objeto).

Quadro 11
Exemplo da função 4 retirado das entrevistas 6 e 7

Eu passei a ser mais ansioso, eu passe a sofrer de FOMO, FOMO é uma sigla para Fear Of Miss Out, basicamente é medo de perder a próxima novidadezinha que tá vindo aí. E aí todo mundo de alguma maneira que lida com inovação e tecnologias e essas mudanças sofre em alguma instância de um FOMO (Ent6). Parece que eles querem te moldar o mais rápido possível para produzir em uma velocidade muito grande né [...] existe essa pressão e às vezes essa pressão é explícita assim né, se faz com terrorismo, eu acho que isso muda a maneira que tu entende a própria produtividade assim, que tu começa a se cobrar em um nível para mim eu acho que foi além do limite do aceitável em termos de saúde mental [...] (Ent7).

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* de pesquisa.

Os trechos refletem a "agilidade informacional" presente na prática produtiva da inovação e que afeta a saúde mental e emocional. O primeiro parágrafo explora a questão da ansiedade causada pela necessidade de estar em constante contato com as atualizações do mercado de inovação, enquanto o segundo destaca a questão relativa à produção excessiva.

Por fim, E12 é composta por sujeitos na condição de *experts* (modalidade) que compreendem a gestão (conceito) da trajetória (objeto) como uma responsabilidade individual. Não voltado à questão do esgotamento mental, trata do entendimento de que o que são hoje é resultado de uma série de escolhas, conscientes ou não, como expresso no Quadro 12.

Quadro 12
Exemplo da função 4 retirado da entrevista 2

Acho que desde o momento que você precisa fazer uma faculdade, por exemplo, já é uma escolha que você toma socialmente. Depois dentro de escolher um curso é uma decisão que você toma com base nas suas características. Tá bom? Você meio que tem que se adaptar a um curso que você se identifique. Dentro do curso que você se identifica, você tem que se adaptar ao mercado porque carreira é profissão, é trabalho. Então você já começa a ter que se adaptar que mercado você vai participar. Então tem uma série de decisões que são impositivas, de certa forma. Qual é [o] nosso livre arbítrio? Escolha entre as opções. Mas que existem determinismos existem (Ent2).

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* de pesquisa.

O entrevistado se questiona sobre o livre-arbítrio analisando a adaptação às escolhas que fez durante a vida, por vezes "impositivas" e "deterministas", evocando o aspecto social. A adaptação é entendida como algo que faz parte do trabalho. Indo além, é possível perceber que a sujeição é algo natural para as profissões – caso não nos moldemos as formas (construções de saber poder), aos constrangimentos, não estamos aptos.

Discussão dos resultados

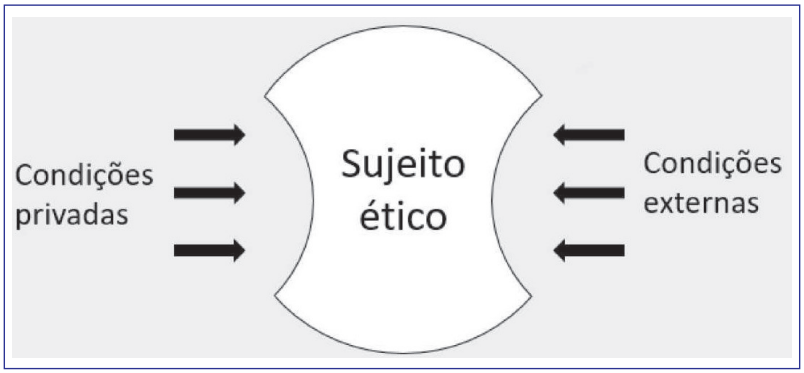
O campo profissional revela um jogo de verdades que estabelece limites e regras nos comportamentos dos sujeitos, impondo uma disciplina sob seus corpos. Ao escolher a atividade laboral, os profissionais iniciam um processo de subjetivação, na medida em que se inserem nesse campo de relações de trabalho. Ao se sujeitarem à estrutura (jogos de verdade, discursos do trabalho), os profissionais remodelam suas práticas frente à austeridade (R1) e se conformam (R2). Esses achados revelam modos de sujeição que se caracterizam por meio de condições privadas e externas, conforme representado na Figura 3.

Submetidos às sujeições sobre si e ao ambiente, os profissionais estão inseridos numa estrutura que os constrange – seja no poder familiar ou social, seja no campo de atuação – e compõe sua subjetividade. Eles se adequam às tecnologias do campo, ainda que isso leve à renúncia de suas próprias práticas. Em outras palavras, a atividade laboral comporta um conjunto de práticas que os profissionais adotam. Nesse contexto, remodelam sua conduta, renunciando a certas práticas e adotando outras. Isso evidencia a forma como os sujeitos se portam frente às obrigações (Foucault, 1998; 2005; Dreyfus & Rabinow, 1995).

Em relação à sujeição sobre si, os entrevistados optaram por ir de encontro a valores morais, práticas cotidianas e desejos em prol de uma carreira estável. A mudança de práticas revela a construção de um novo profissional que se adequa a valores e saberes do campo, ainda que a contragosto (F1). Frente às dificuldades (F2) e oriundos de um contexto privado em choque com as necessidades laborais, os sujeitos ajustam sua trajetória.

A sujeição ao ambiente profissional revela a reconfiguração de práticas voltadas ao âmbito técnico e vinculadas ao contexto tecnológico mais específico. Esse contexto de agilidade e conexão constante, próprio da realidade tecnológica e associado a exploração e precariedades da força de trabalho, é expresso pela impossibilidade de desconexão (F3) e pela condição de exploração no capitalismo atual (F4).

Figura 3
Modos de sujeição nas relações de trabalho



Fonte: Elaborada pelos autores com base no *corpus* de pesquisa.

Entendendo que são responsáveis por suas carreiras, com uma lógica cada vez mais individual (Calasans & Davel, 2020) no contexto do profissional de informação inseridos numa racionalidade neoliberal (Antunes, 2018), eles se adequam às práticas profissionais, o que reverbera na forma como vão travar seus relacionamentos sociais, expor seu conteúdo e desenvolver suas competências.

Essa individualização da carreira, associada à midiatização da vida num contexto do campo profissional inovativo, revela uma dependência com relação às TICs, vistas como maléficas e penosas (Carelli & Andrade, 2023). A necessidade das mídias digitais, seja para a produção e a divulgação do trabalho, seja para acompanhar tendências e novidades, impacta no equilíbrio mental (Gollnhofer & Manke, 2023), excedendo os limites do que é saudável.

Nesse aspecto, a carga informacional relacionada com o estresse dos profissionais se vincula ao sistema de produção (insustentável) capitalista e ao próprio contexto tecnológico. Buscando atender às necessidades do sistema capitalista como empresários de si mesmos, os sujeitos se submetem às pressões do sistema (Carelli & Andrade, 2023), ainda que isso reflita na qualidade de vida.

A individualização e o excesso de carga estão intimamente ligados à atual fase do capitalismo. Em outras palavras, a reconfiguração capitalista pautada numa lógica neoliberal vinculada às novas TICs gera sujeições específicas ligadas a esses segmentos profissionais. Isso significa que as sujeições profissionais aqui apresentadas são afetadas pela racionalidade neoliberal engendrada no discurso profissional da inovação.

Nessa conjuntura, ainda que os profissionais analisados sejam especializados e bem-remunerados, também são marcados por constrangimentos socioculturais específicos do seu campo de atuação, os quais estão associados tanto à reconfiguração produtiva do capital quanto às peculiaridades do campo da inovação. Esses segmentos são um campo contraditório, pois são marcados pelos privilégios e pela precarização (Roy, 2021; Dorschel, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação discursiva que revela modos de sujeição dos profissionais de inovação surge por meio de regularidades acerca da austeridade e da conformidade com a prática profissional. Essas práticas dizem respeito a um momento sócio-histórico-cultural (Foucault, 1998; 2005; 2004). A austeridade (R1) evidencia as sujeições que o profissional exerce sobre si, perpassando estrutura de poder familiar, vinculações morais dos sujeitos (F1) e dificuldades emocionais e materiais (F2). A conformação (R2), por outro lado, revela as sujeições advindas mais especificamente da área de inovação e tecnologia, em que se apresentam a conectividade constante e compulsória (F3) e o estresse excessivo do profissional (F4). Ambas as regras se inserem num cenário produtivo e econômico de reconfiguração de práticas culturais, sociais e tecnológicas (Greenhaus et al., 2018; Antunes, 2018).

Assim, existem normas a serem seguidas, um saber acerca do campo da inovação que reflete uma prática produtiva. Esse saber se reflete nos achados pela busca por mudança social, individualização da carreira, lógica de produção excessiva, dependência digital, constância em construir redes e divulgar materiais e acompanhamento de tendências e novidades dentro das mídias digitais. Frente a essa nova realidade profissional e tecnológica, os profissionais se sujeitam (Foucault, 1998; 2005; 2004) às verdades do campo, adaptando-se aos moldes capitalistas (Carelli & Andrade, 2023) e às regulações em interações medidas tecnologicamente.

A sujeição na literatura já é relacionada com o contexto do trabalho (Diniz & Campos, 2018) e com áreas específicas, como a acadêmica (Furlin, 2021; Fleming, 2022), a militar (Assis Jr. & Silva, 2021; Corrêa & Nummer, 2017), a burocrática (Maia, 2020) e a criminal (Almeida, 2020). Não há, entretanto, uma concepção específica para as trajetórias profissionais em questão. Dessa forma, o presente trabalho contribuiu para compreender a sujeição não apenas às profissões em que há um alto grau de opressão, mas também a empregos benquistos, como os de TICs.

Em âmbito prático, o presente trabalho delineou um campo de interseção entre os profissionais de TIC e EC, melhorando a perspectiva acerca desses segmentos. Além disso, definiu os profissionais quanto às práticas discursivas de subjetividades relacionadas à sujeição. Com isso, é possível que programas destinados a esse público (seleção, treinamento etc.) estejam mais conectados à realidade desses profissionais. Assim, organismos públicos e privados serão beneficiados ao aprender a lidar com tais trabalhadores.

Cabe pontuar que o trabalho apresenta limitações. O escopo escolhido, intencionalmente, limita a coleta e a análise aos profissionais TIC e EC. Outro ponto trata da não cobertura de todas as atividades relativas a esses segmentos. Nesse aspecto, vale mencionar que a concentração se deu em razão dos critérios de representatividade e saturação descritos na metodologia.

No que tange à agenda de pesquisa, o trabalho envolveu novas possibilidades de investigação. A sujeição é um processo de subjetivação que envolve a verdade sobre o sujeito. A descoberta de uma prática discursiva de sujeição pode acarretar outras descobertas à luz da lente foucaultiana, como a relação entre amor verdadeiro (Foucault, 1998) e a profissão. Essa possibilidade é percebida porque há uma relação entre o trabalho e daquilo que lhes dá prazer (i.e. erótica), uma institucionalização do vínculo (i.e. econômica) e um regime de práticas (i.e. dietética).

REFERÊNCIAS

Abílio, L. C. (2020). Uberização: a era do trabalhador *just-in-time*? *Estudos Avançados*, *34*, 111-126.

Acar, O. A., Tarakci, M., & Van Knippenberg, D. (2019). Creativity and innovation under constraints: a cross-disciplinary integrative review. *Journal of Management*, *45*(1), 96-121.

Almeida, F. D. (2020). "Vândalos", "trabalhadores" e "cidadãos": sujeição criminal e legitimidade política na criminalização dos protestos de junho de 2013. *Dados*, *63*.

Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão*: o novo proletariado de serviços na era digital. Boitempo: São Paulo.

Assis Jr., C. P., & Silva, L. G. (2017). Relações especiais de sujeição e direitos fundamentais: a liberdade de expressão dos agentes públicos militares. *Revista Brasileira de Filosofia do Direito*, *3*(1), 82-100.

Brockmeier, J., & Harré, R. (2003). Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia — Reflexão e Crítica*, *16*, 525-535.

Calasans, R. G., & Davel, E. P. B. (2020). Gestão de carreiras criativas: passado e futuro da pesquisa acadêmica. *Políticas Culturais em Revista*, *13*(1), 113-134.

Camargo, T. I., Souza-Leão, A. L. M., & Moura, B. M. (2020). A ordem do cânone: episteme da produção discursiva de fãs de ASoIaF sobre GoT. *Revista Organizações em Contexto*, *16*(32), 365-398.

Carelli, R. D. L., & Andrade, M. S. D. (2023). Sujeição e servidão no trabalho em plataformas digitais de transporte: um estudo de caso no Rio de Janeiro. *Caderno CRH*, 35.

Carneiro, L. L., Moscon, D. C. B., Dias, L. M. M., Oliveira, S. M. D., & Alves, H. M. C. (2023). Digiwork: Reflections on the scenario of work mediated by digital platforms in Brazil. *Revista de Administração Mackenzie*, *24*(2).

Corrêa, M. A. S., & Nummer, F. V. (2017). Institucionalização de saberes: o processo de sujeição do ato de matar no trabalho policial militar. *Revista Ciências da Sociedade*, *1*(2), 66-80.

De Fina, A. (2021). Doing narrative analysis from a narratives-as-practices perspective. *Narrative Inquiry*, *31*(1), 49-71.

Diniz, L. F., & Campos, M. (2018). O trabalho contemporâneo e a subjetividade do trabalhador. *Revista UFG*, *17*(21), 104-28.

Dorschel, R. (2022) Reconsidering digital labour: Bringing tech workers into the debate. *New Technology, Work and Employment*, *37*(2), 288-307.

Dreyfus, H. L., & Rabinow, P. (1995). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Dubar, C. (2012). A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cadernos de Pesquisa*, *42*, 351-367.

Fage-Butler, A. (2020). Applying Foucault's tool-box to the analysis of counter-narratives. In: K. Lueg, & M. W. Lundholt (ed.). *Routledge handbook of counter-narratives*. London: Routledge.

Fleming, P. (2022). How biopower puts freedom to work: conceptualizing "pivoting mechanisms" in the neoliberal university. *Human Relations*, *75*(10), 1986-2007.

Fleming, P., & Sewell, G. (2002). Looking for the good soldier, Švejk: alternative modalities of resistance in the contemporary workplace. *Sociology*, *36*(4), 857-873.

Flew, T. (2018). Social media and the cultural and creative industries. In: J. Burgess, T. Poell, & A. E. Marwick (2017). *The Sage handbook of social media*. London: Sage Publications.

Florida, R. (2012). *A ascensão da classe criativa.* Porto Alegre: L&PM.

Foucault, M. (1998). *História da sexualidade 2*: o uso dos prazeres. 8. ed. São Paulo: Graal.

Foucault, M. (1999a). *História da sexualidade 1*: a vontade do saber. São Paulo: Graal.

Foucault, M. (1999b). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.

Foucault, M. (2004). A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: M. Motta (org.). *Ética, sexualidade e política* (Coleção Ditos & Escritos 1). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2005). *História da sexualidade 3*: o cuidado de si. 8.ed. São Paulo: Graal.

Foucault, M. (2008). *Arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Freitas, C. O. A., Assis, V., & Efing, A. C. (2018). Impactos socioeconômicos das TIC e da sociedade informacional nas relações de trabalho. *Cadernos de Dereito Actual*, (9), 43-59.

Furlin, N. (2021). A produção acadêmica de mulheres professoras no campo do saber teológico: sujeição ou subjetivação ética? *Educação e Pesquisa*, *47*.

Gollnhofer, J. F., & Manke, B. K. (2023). How do consumers (re-) organize their lives through digital decluttering? In: R. Llamas, & R. Belk (ed.). *The Routledge handbook of digital consumption*. London: Routledge.

Gómez, V. R. (2023). Worker resistance strategies and union action in platform work: the case of Uber in Spain. *Employee Relations*, *45*(4), 823-839.

Greenhaus, J. H., Callanan, G. A., & Godshalk, V. M. (2018). *Career management for life*. London: Routledge.

Gubrium, J. F., & Holstein, J. A. (2012). Narrative practice and the transformation of interview subjectivity. In: F. J. Gubrium, J. A. Holstein, A. B. Marvasti, & K. D. Mckinney (ed.). *The Sage handbook of interview research*: the complexity of the craft. 2. ed. London: Sage Publications.

Kim, J. (2006). *Understanding narrative inquiry*: the crafting and analysis of stories as research. London: Sage Publications.

Kjærgård, R. (2020). Career guidance and the production of subjectivity. In: E. H. Haug, T. Hooley, J. Kettunen, & R. Thomsen (ed.). *Career and career guidance in the Nordic countries*. Leiden: Brill.

Kutsyuruba, B., & Mendes, B. (2023). Biographic narrative interpretive method. In: J. M. Okoko, S. Tunison, & K. D. Walkers (ed.). *Varieties of qualitative research methods*: selected contextual perspectives. Cham: Springer.

Lima, J. C., & Bridi, M. A. (2019). Trabalho digital e emprego: a reforma trabalhista e o aprofundamento da precariedade. *Caderno CRH*, *32*(86), 325-342.

Maciel, C. M. S., Lins, E. R., & Fernandes, N. D. C. M. (2020). Gestão da criatividade para inovação: a perspectiva das gestoras de uma *startup* graduada em Caruaru-PE. *Gestão & Planejamento*, 21.

Maia, B. (2020). Virando Estado: o processo de sujeição burocrática entre candidatos ao serviço público no Brasil. *Runa*, *41*(2), 203-219.

Mielly, M., Islam, G., & Gosen, D. (2023). Better sorry than safe: emotional discourses and neo-normative control in a workplace safety council. *Organization Studies*, *44*(6), 889-917.

Moura, B. M., & Souza-Leão, A. L. M. (2022). Time to DTR: fan paratextualization about *Game of Thrones* last season. *Revista de Administração da Ufsm*, *15*(2), 311-330.

Moura Jr., P. J., & Helal, D. H. (2014). IT professionals and professionalization: controversial and conflictual occurrences in the field. *Cadernos Ebape.br*, *12*, 321-338.

Moura Jr., P. J., & Helal, D. H. (2019). Towards a reference framework for generational analyses on information technology professionals. *International Journal of Human Capital and Information Technology Professionals*, *10*(2), 33-50.

Muzzio, H., & Paiva Jr., F. G. (2018). Organizational creativity management: discussion elements. *Revista de Administração Contemporânea*, *22*, 922-939.

Nieborg, D. B., & Poell, T. (2018). The platformization of cultural production theorizing the contingent cultural commodity. *New Media & Society*, *20*(11), 4275-4292.

Parker, C., Scott, S., & Geddes, A., (2019). *Snowball sampling*. London: Sage Publications.

Peukert, C. (2018). The next wave of digital technological change and the cultural industries. *Journal of Cultural Economics*, *43*(2), 189-210.

Ramos, D. (2020). An analysis of subjectivation processes mediated by new digital technologies. *International Journal of Emerging Technologies in Learning*, *15*(24), 15-25.

Roy, R. (2021). Precarious privilege: globalism, digital biopolitics, and tech-workers' movements in India. *The European Legacy*, *26*(7-8), 675-691.

Santos, F. P., & Davel, E. P. B. (2021). Métodos biográficos para a pesquisa em administração: princípios, potencialidades, práticas e desafios. *Revista Eletrônica de Administração*, *27*, 430-461.

Saura, J. R., Palacios-Marqués, D., & Ribeiro-Soriano, D. (2023). Exploring the boundaries of open innovation: evidence from social media mining. *Technovation*, *119*.

Schutijser, D. (2019). L'Attitude moderne selon Michel Foucault: la subjectivation à la limite. *Eidos*, (31), 225-251.

Sewell, G., & Wilkinson, B. (1992). Someone to watch over me: surveillance, discipline and the just-in-time labour process. *Sociology*, *26*(2), 271-289.

Silva, F. A. B., Vieira, M. P., & Franco, B. L. (2019). *A economia criativa sob medida*: conceitos e dinamismo das classes criativas. Brasília: Ipea.

Souza-Leão, A. L. M., & Costa, F. Z. D. N. (2018). Agenciados pelo desejo: o consumo produtivo dos *potterheads*. *Revista de Administração de Empresas*, *58*, 74-86.

Souza-Leão, A. L. M., & Moura, B. M. (2018). Temos que pegar todos! Discursos identitários sobre o consumo de Pokémon GO no Brasil. *Revista Brasileira de Marketing*, *17*(6), 895-913.

Souza-Leão, A. L. M., Moura, B. M., & Ferreira, B. R. (2022). Commitment to Freedom: a fannish struggle for the representativeness of political identities. *Review of Business Management*, *24*(4).

Souza-Leão, A. L. M., Moura, B. M., & Nunes, W. K. S. (2022). All in one: digital influencers as market agents of popular culture. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, *24*(2), 247-274.

Suhaimi, M. A., Hasan, M. R., Hussin, H., & Shah, A. (2012). Information and communication technology workforce employability in Malaysia. *Campus-Wide Information Systems*, 29(2), 80-89.

Thiry-Cherques, H. R. (2023). *O trabalho:* uma investigação na forma de Michel Foucault. São Paulo: A Ponte.

Thomas, R., & Davies, A. (2005). Theorizing the micro-politics of resistance: new public management and managerial identities in the UK public services. *Organization Studies*, *26*(5), 683-706.

Tight, M. (2023). Saturation: An Overworked and Misunderstood Concept? *Qualitative Inquiry*, *30*(7).

Tse, T., & Shum, H. H. K. (2022). Platforms, politics and precarity: Hong Kong television workers amid the new techno-nationalist media agenda. *European Journal of Cultural Studies*, *26*(3).

Vallas, S. P., & Hill, A. L. (2018). Reconfiguring worker subjectivity: career advice literature and the "branding" of the worker's self. *Sociological Forum*, *33*(2), 287-309.

Van Laar, E., Van Deursen, A. J., Van Dijk, J. A., & De Haan, J. (2020). Measuring the levels of 21st-century digital skills among professionals working within the creative industries: a performance-based approach. *Poetics*, *81*.

Wengraf, T. (2001). *Qualitative research interviewing:* biographic narrative and semistructured methods. London: Sage Publications.

Zuboff, S. (2021). *A era do capitalismo de vigilância*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

Ana Carolina Assis Sampaio
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0999-6193

Doutoranda e mestre em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Membro do coletivo de pesquisadores AKAFans (coletivo de Pesquisa sobre fanhood, mídias sociais e política do consumo). E-mail: ana.sampaio@ufpe.br

André Luiz Maranhão de Souza Leão
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7660-5845

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professor associado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Coordenador do coletivo de pesquisadores AKAFans (coletivo de Pesquisa sobre fanhood, mídias sociais e política do consumo).
E-mail: andre.sleao@ufpe.br

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Ana Carolina Assis Sampaio: Conceituação (Igual); Curadoria de dados (Igual); Análise formal (Líder); Aquisição de financiamento (Suporte); Investigação (Líder); Metodologia (Igual); Administração de projeto (Suporte); Recursos (Suporte); Software (Igual); Supervisão (Suporte); Validação (Suporte); Visualização (Líder); Escrita- rascunho original (Líder); Escrita- revisão e edição (Igual).

André Luiz Maranhão de Souza Leão: Conceituação (Igual); Curadoria de dados (Igual); Análise formal (Suporte); Aquisição de financiamento (Líder); Investigação (Suporte); Metodologia (Igual); Administração de projeto (Líder); Recursos (Líder); Software (Igual); Supervisão (Líder); Validação (Líder); Visualização (Suporte); Escrita- rascunho original (Suporte); Escrita- revisão e edição (Igual).

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

AGRADECIMENTOS

Este projeto é fruto do projeto MAIDAI e foi desenvolvido com apoio da FACEPE (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) mediante concessão de financiamento de pesquisa: Bolsa Projeto, processo número IBPG-0895-6.02/21

EDITOR-CHEFE

Hélio Arthur Reis Irigaray (Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro / RJ – Brasil). ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9580-7859

EDITOR-ADJUNTO

Fabricio Stocker (Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro / RJ – Brasil). ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6340-9127

PARECERISTAS

Os revisores não autorizaram a divulgação de suas identidades.

RELATÓRIO DE REVISÃO POR PARES

O relatório de revisão por pares está disponível neste link: https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/92559/86767